



# Anais da Assembléia

N. 149

CURITIBA, QUINTA-FEIRA, EM 03 DE DEZEMBRO DE 1987

ANO XIII

1.<sup>a</sup> SESSÃO LEGISLATIVA DA 11.<sup>a</sup> LEGISLATURA  
ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A ENTREGA  
DE TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ,  
AO SENHOR DOUTOR LEONEL DE MOURA BRIZOLA.  
REALIZADA EM 03 DE DEZEMBRO DE 1987

QUINTA-FEIRA

Presidência do Sr. Deputado Antônio Annibelli, secretariada pelos Srs. Deputados Anibal Khury e Luiz Carlos Alborghetti.

Às quinze horas é registrada a presença dos seguintes Srs. Deputados: Antônio Annibelli, Eduardo Baggio, Ferrari Júnior, Anibal Khury, Lindolfo Júnior, Vera Agibert, José Alves, Acyr Mezzadri, Alexandre Ceranto, Algaci Túlio, Amélia Hruschka, Antônio Bárbara, Antônio Belinati, Antônio Costenaro Neto, Artagão Mattos Leão, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Cândido Bastos, David Cheriegate, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Domingos Scarpellini, Edmar Luiz Costa, Erondy Silvério, Ezequias Losso, Gernote Kirinus, Haroldo Rodrigues Ferreira, Hermas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, João Arruda, José Afonso Júnior, José Felinto, José Rogério Carvalho, Lauro Lobo Alcântara, Luiz Alberto Oliveira, Luiz Antonio Setti, Luiz Carlos Alborghetti, Nelson Vasconcellos, Nereu Carlos Massignan, Nestor Baptista, Nilton Barbosa, Orlando Pessuti, Paulino José Delazeri, Paulo Furiatti, Pedro Tonelli, Pirajá Ferreira, Quielise Crisóstomo, Rafael Greca, Raul Lopes, Sabino Campos, Tadeu Lúcio Machado, Valderi Mendes Vilela e Werner Wanderer, presentes ainda inúmeras autoridades civis e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE - (Antônio Annibelli) Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

SESSÃO SOLENE.

Designo uma Comissão composta pelos Senhores Deputados, José Domingos Scarpellini, Valderi Mendes Vilela, Nilton Barbosa, Antônio Belinati, Basílio Zanusso, Paulino José Delazeri, Algaci Túlio e Paulo Furiatti, para que acompanhem e introduzam Suas Excelências, o Senhor José Antônio Fonseca, ex-Deputado Estadual, nesta ocasião representando o Senhor Governador do Estado e o Senhor Leonel de Moura Brizola, ao recinto deste Plenário.

Suspendo a Sessão por dois minutos, até que Suas Excelências tomem assento nesta Mesa.

(É suspensa a sessão).

Tem a presente sessão a finalidade de fazer-se a entrega de Título de Cidadão Honorário do Paraná, outorgado em decorrência da Lei n. 4507/61, de 11 de dezembro de 1961, ao Excelentíssimo Senhor Dr. Leonel de Moura Brizola.

É com satisfação que esta Presidência anuncia a composição da Mesa, constituída pelas seguintes autoridades:

Excelentíssimo Senhor Dr. José Antônio Fonseca, ex-Deputado Estadual, desta Casa, que, nesta ocasião representa Sua Excelência, o Governador do Estado;

Excelentíssimo Senhor Dr. Leonel de Moura Brizola, Cidadão Honorário do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Vereador, José Maria Correa representando nesta ocasião o Sr. Prefeito Roberto Requião;

Excelentíssimo Senhor Juiz Edmar Cordeiro Machado, Presidente do Tribunal de Alçada do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Conselheiro Dr. Cândido Martins de Oliveira, representando o Tribunal de Contas do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Vereador Horácio Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Senhor ex-Deputado Jorge Miguel Nassar, autor da Proposição em 1961;

Excelentíssimo Senhor Anibal Khury, nosso 1.<sup>o</sup> Secretário desta Casa;

Excelentíssimo Senhor Deputado Luiz Carlos Alborghetti, digno 2.<sup>o</sup> Secretário desta Casa;

Excelentíssimo Senhor Deputado José Domingos Scarpellini, que nos honra nesta ocasião e faço questão de dizer aos presentes que faz parte da Mesa porque quando o Dr. Leonel de Moura Brizola veio do exílio ele representou esta Casa, ao recebê-lo, em nome do Poder Legislativo do Paraná, na Cidade de Foz do Iguaçu.

(Aplausos).

O SR. PRESIDENTE - (Antônio Annibelli) Honram-nos com suas presenças, também o ex-Prefeito, Dr. Jaime Lerner,

(Palmas) o ex-Deputado Doucel de Andrade, o nosso grande líder em Brasília.

(Palmas).

Registro com satisfação, também, a presença do Sr. Roberto Garcez Duarte, Vice-Presidente do PSC, do Paraná.

(Palmas).

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional Brasileiro, a ser executado pela banda da Música da Polícia Militar do Es-

tado do Paraná.

(É executado o Hino Nacional pela Banda da Polícia Militar do Estado).  
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE - (Antônio Annibelli) Solicito a Sua Excelência o Senhor Deputado Anibal Khury, nosso digno 1º Secretário, para que proceda à leitura dos termos do Diploma.

O SR. 1º SECRETÁRIO - (Lê): "República Federativa do Brasil - Estado do Paraná - Título de Cidadania Honorária - Os Poderes constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com a Lei n. 4.507, de 1961, confere ao Excelentíssimo Senhor Dr. Leonel de Moura Brizola, o título de Cidadão Honorário do Estado do Paraná, para o qual mandaram expedir o seguinte Diploma.

Curitiba, 03 de dezembro de 1987.

(aa) Antônio Martins Annibelli  
Presidente da Assembléia Legislativa  
Ary Veloso Queiroz - Governador do Estado do Paraná em exercício.

Desembargador Mário Lopes dos Santos  
Presidente do Tribunal de Justiça"

O SR. PRESIDENTE - (Antônio Annibelli)  
Antes de convidar o representante do Governador, ex-Deputado José Antônio Fonseca, quero fazer a leitura dos termos da lei que outorgou o título de Cidadão Honorário do Paraná ao Dr. Leonel de Moura Brizola.

(Lê): "Art. 1º - É concedido o título de Cidadão Honorário do Paraná, ao Senhor Leonel de Moura Brizola, Governador do Estado do Rio Grande do Sul, pela sua nobre e intransigente liderança do movimento em defesa da legalidade e do respeito à Constituição, o que assegurou a posse do Dr. João Belchior Marques Goulart na suprema Magistratura da Nação.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação. Palácio do Governo - Curitiba, 11 de dezembro de 1961. Assinado - Ney Braga e Jucundino Furtado".

Convido o Dr. José Fonseca para entregar, ao nosso homenageado, o Diploma que ora lhe conferimos.

(É entregue o Título de Cidadão Honorário do Paraná ao Dr. Leonel de Moura Brizola, pelo Dr. José Fonseca).

(Palmas).

O SR. PRESIDENTE - (Antônio Annibelli)  
Concedo a palavra ao Senhor Deputado Rafael Greca, para que profira a sua oração ao homenageado, em nome do Poder Legislativo.

(Aplausos).

O SR. RAFAEL GRECA - Excelentíssimo Senhor Deputado Antônio Annibelli, Digníssimo Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, que honra e dignifica esta Casa com a independência do seu espírito no exercício da magistratura, despedido da paixão partidária; Excelentíssimo Senhor José Antônio Fonseca, que vem a este Legislativo representar Sua Excelência, o Governador Álvaro Dias, do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Presidente Nacional do nosso Partido, Presidente Leonel de Moura Brizola, Cidadão Honorário do Estado do Paraná.

(Aplausos).

Caríssimo Vereador José Maria Corrêa, representante do Prefeito da Cidade, Excelentíssimo Senhor Juiz Edmar Cordeiro Machado, Presidente do Tribunal de Alçada do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Conselheiro Cândido Manoel Martins de Oliveira, representante do Presidente do Egrégio Tribunal de Contas do Estado; Excelentíssimo Senhor Vereador Horácio Rodrigues Sobrinho, Presidente da Egrégua Câmara da nossa amada Curitiba; Excelentíssimo Senhor ex-Deputado Jorge Miguel Nassar, autor desta Proposição.

(Aplausos).

Excelentíssimo Senhor Deputado Anibal Khury, 1º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Luiz Carlos Alborghetta, componente da Mesa; Excelentíssimo Senhor Deputado Lindolfo Júnior; 2º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado; caríssimo Deputado José Domingos Scarpellini, que teve a honra de representar a Assembléia no dia da volta ao solo brasileiro, do nosso Presidente Nacional do PDT.

(Aplausos)

Senhor Vereador José Gorski, Líder do PDT e representante dos Vereadores todos, de todo o Paraná, nesta Sessão; Senhores; Senhoras Deputadas; Senhores Deputados inclusive, a numerosa Bancada do PMDB que nos honra, sobretudo o caríssimo Líder, Deputado Caíto Quintana.

(Aplausos).

Minhas Senhoras e meus Senhores.  
Brasileiros do Paraná!

Leonel de Moura Brizola, o "Engenheiro da Liberdade" hoje finalmente vem a esta Assembléia, para a cerimônia de justiça e de esperança, para que os que o acolhemos depois de 26 anos pela campanha empreendida em favor da legalidade, na primavera do ano de 1961.

Era setembro, e na praça Tiradentes floriam os ipês, quando no correto desempenho da Suprema Magistratura da Cidade, o Prefeito Iberê de Mattos chamou a população para defesa da legalidade. Era setembro, e floriam os ipês em todas as serras do Brasil, quando o Supremo Mandatário do

Rio Grande do Sul honrou o voto popular, unindo o Brasil na defesa da Constituição. O Diploma Legal, que o pergaminho que hoje lhe entregamos, foi votado por proposição do Deputado Trabalhista Jorge Nassar, felizmente hoje aqui presente.

(Palmas).

Era o 23 de outubro, do mesmo ano de 1961. Recebeu sansão governamental, como já disse o Senhor Presidente há 11 de dezembro daquele ano com dois artigos: o da praxe, que revogava as disposições em contrário, e a declaração do motivo de honraria, que neste Brasil tão desrespeitoso para com as Leis, se impõe que ainda uma vez lhes proclame: "É concedido o Título de Cidadão Honorário do Paraná ao Doutor Leonel de Moura Brizola, Governador do Estado do Rio Grande do Sul, pela sua nobre e intransigente liderança no movimento em defesa da legalidade e do respeito à Constituição, que assegurou a posse na Suprema Magistratura da Nação, ao Doutor João Belchior Marques Goulart."

(Palmas).

Entre a lei e a cerimônia, 26 anos: 26 anos, mas o mesmo homem, e o mesmo mérito. Em 1961 este Deputado era menino; aos 5 anos de idade nem percebi quando o Coronel Iberê de Mattos, o nosso Prefeito já dizia, dignificou a sede da Municipalidade, fazendo-a Paço da liberdade e recebendo ali o alistamento de uma geração de patriotas, muito dos quais jovens, então ainda com os corações generosos e libertários, hoje não conquistaram a maioria política, embora tenham até mais de 40 anos; eles jamais votaram para Presidente. 26 anos e o mesmo homem, e o mesmo mérito. E agora, eu menino de 1961, com a honra de acolher entre os meus concidadãos o personagem da História Brasileira mais discutido e certamente mais vivenciado de todo o tempo de luta do Brasil contemporâneo.

(Palmas).

"Engenheiro da Liberdade", artífice da legalidade, arauto do futuro, que foi negado ao nosso Brasil, um País com a sensação de tudo por fazer. É invocando o espírito da perseverança e da coerência, talvez do seu caráter destemido as duas facetas mais nítidas que tentaremos prosseguir no seu elogio. Brizola, paranaense, Brizola, brasileiro até a última consequência, nós nos serviremos das suas próprias palavras.

(Palmas).

Não se pense que se pode seccionar a História com uma tesoura. Ela sempre retoma o fio da sua continuidade, exatamente no ponto em que as forças do atraso quiseram interrompê-la ou desviá-la do seu curso. Há continuidade entre a sua presença neste Parlamento e a denúncia, embora em linguagem lírica e um pouco antiga, de Rui

Barbosa na sua Campanha Civilista de 1919, quando não hesitou em dizer: "O Brasil, o que é? o Brasil não são os comensais do erário; o Brasil não são as ratasanas do tesouro, não são os mercadourinhos dos Parla-mentos, não são as sangue-sugas da riqueza pública, não são os falsificadores das eleições, não são os compradores de jornais, não são os corruptores do sistema, nem os publicistas de aluguel, nem os oligarcas estaduais, nem os Ministros de tar-racha, e muito menos os presidentes do Pa-lha. O Brasil não são os estadistas de im-postura, não são os diplomatas de marca estrangeira"

E o que é o Brasil? Ora o Brasil é esta Assembléia que hoje retoma o fio da história, e voltando a Rui: "O Brasil sois vós, o Brasil somos nós. As células vivas da vida nacional, é a multidão que não adula, que não teme, que não corre, que não recua, que não deserta, que não toma os ônibus pagos"; e voltando a Rui de novo, - "a multidão que não se vende, o Brasil sois vós. Não é a massa oscilante que oscila da servidão à desordem, mas é a soma dos que pensam, o oceano das consciências, onde a divina providência acumula reservas inesgotáveis de calor, de força, de energia, de saber e de luz para a renovação das nossas forças".

O Brasil é o povo, num destes movimentos seus em que se descobre toda a sua majestade.

Brizola, não é preciso dizer-te da majestade do povo porque a conheces em todo seu esplendor e a experimentaste quando das sacadas do Palácio Piratini, em pioneira cadeia nacional de telecomunicação pelo rádio, disseste a nossa gente, ao nosso povo; tuas leis são a Constituição, ela é a tua cidadela, há que defendê-la. A majestade do povo presente no teu berço humilde, na longínqua Carazinho, que se liga ao Paraná pelas memórias dos caminhos de tropas, pela identidade dos campos missioneiros, dos ervais tantos que nascem aqui onde nós nascemos aqui e lá pelo eco dos gritos libertários do índio Sepé Tiaraju, que de peito aberto enfrentou as legiões de Portugal e Espanha e disse: "Esta terra tem dono". A majestade do povo presente na tua educação de órfão, filho de mãe pobre e honrada, a sentir na carne as terríveis experiências dos menores carentes.

Foste engraxate, carregador de mala na estação de trem. Escola conhecestes aos 11 anos, registro fizeste pelas suas mãos aos 14, hoje nos dizias. Foi quando te deram registro de nascimento e identidade que seguites para Porto Alegre onde começaste como assessorista na Prefeitura Municipal. Depois engenheiro, trabalhista por teres reconhecido o primado do trabalho sobre o

capital. O primado dos valores do suor do rosto dos trabalhadores, sobre a riqueza acumulada: ainda a majestade do povo na tua vida sempre se afirmando pelo voto popular que o fez Prefeito, Deputado Estadual, Governador e Deputado Federal de dois gloriosos Estados desta Federação que, se temos no nome, ainda em plenitude não conquistamos. Esta mesma majestade do povo cuja defesa intransigente granjeou de inimigos ferozes capazes até de embasar tua imagem aos olhos daqueles aos quais os seus sofrimentos defendes, dar-te-ia as bandeiras do nacionalismo até as últimas conseqüências, pela encantação no interesse do Rio Grande do Sul e do Brasil, das companhias de eletricidade e de telefonia, a "Bougauchere" e a "ITT". Uma e a outra, bem piores, com certeza do que a realidade que temos hoje, porque foi teu gesto pioneiro que fez com que os Estados comessem a ter suas companhias de eletricidade, e a Nação atentasse para a suprema necessidade de ter uma companhia de telefonia, jamais por volúpia estatizante, de capitalismo estatizante, que até tens condenado, fizeste isto. Mas, sabemos, sempre para assegurar ao mesmo povo soberano, a dignidade e a eficiência dos serviços, e a vitória, e a supremacia sobre a servidão.

Ainda, a majestade do povo; apenas da qual és vassalo, e servidor; teu único compromisso, que te levou a defender as reformas de base, as reformas que o Brasil, duas décadas e meia depois, eu já Deputado, muito tempo depois de eu menino ver a revolução, se escrever em giz branco no quadro negro da escola, quando a professora nos mandou para casa, e nos disse: "hoje não tem aula, há um golpe". Onze anos completos neste domingo, da passagem para a eternidade da figura memorável do Presidente Jango, ainda hoje o Brasil reclama as reformas.

A colonização ou Reforma Agrária, que liberta as cidades e o campo, do círculo vicioso da pobreza, da chaga dolorosa da migração forçada; a reforma urbana, que socorra os tantos milhões que não tem aonde morar, e dos feitos da Nova República conta-se o fim do BNH e o desterro das esperanças, porque agora, quem ganha menos do que 5 salários mínimos, realmente não tem aonde morar; a reforma urbana, a pedir o fim dos aluguéis escorchantes, que espremam a classe média, contra as paredes das cidades, e não as fazem morada do espírito do homem, mas, sinal em cenário do desespero.

A reforma educacional, que em parte seria memorável com Darcy, com Niemeyer, tiveste no Rio de Janeiro. E há os que têm a tristeza profunda de não terem tido a idéia antes, de por debaixo das arquibancadas, dos múltiplos estádios de futebol,

que para tanta glória, tantos prefeitos, e tantos governadores fizeram, se colocasse a sala de aula, o espaço da libertação do espírito,

Há que se ampliar a rede de ensino, para que venha o País que sonhamos, o País que merecemos. E há também que se fazer a reforma tributária, que corrige a desigualdade da distribuição dos encargos entre o capital e o trabalho, entre os ricos e os pobres, entre as Cidades e os Estados, e a voracidade e a volúpia indecente de Brasília.

E a reforma bancária, que freie os juros escorchantes, e leve crédito e financiamento a todas as forças produtivas para que se possa fazer neste País, de infinitas potencialidades, a mais bela das civilizações da terra.

Não é este o sonho. O sonho, nós o merecemos. A defesa destas reformas, que ainda hoje todos os brasileiros, de todos os Partidos, as mulheres e os homens de boa vontade, proclamamos e exigimos, deute Brizola brasileiro, o gosto amargo do exílio. Tentaste, em abril de 1964, repetir a primavera legalista de 61, e conhecestes a adversidade. A ocasião roubou aos justos o bem que desperdiçou aos perversos. E sobreveio a nossa tragédia. Distantemente, pensavas no Brasil, e se doar os contornos do telhado que escapavam, jamais olvidaste o céu a que havia sobre ele.

No Uruguai, nos Estados Unidos, em África, na Europa, perseveraste, na certeza de que não há silêncio que não termine. E do diálogo com políticos e estadistas, da estatura de Willy Brandt, de François Mitterrand, de Mário Soares, de Felipe Gonzales, de Agostinho Neto, de Edward Kennedy, sedimentaste as tuas convicções libertárias, no grande e generoso estuário futurista da social - democracia ocidental.

Paranaenses, Brizola brasileiro, Brizola Conciadão, Senhores Deputados, Senhoras Deputadas, todos sabemos, aquele que volta nunca se foi e eis aí (palmas) aquele que volta, nunca se foi, Brizola de volta e de volta ao Paraná, batizando a sua cidadania para suprema honra do nosso Estado, nas águas do rio que nasce onde Jaime Lerner garantiu. No rio Iguaçu, em cuja foz desembarcaste, cuja foz escolheste para cenário de desembarque, de reencontro. Disse-me Scarpellini, era o ano de 1979, era 6 de setembro e era a véspera da Independência. Seguiu-se a luta pela reconstituição do PTB, na batalha judicial em que foste traído. Ainda uma vez o Brasil perdeu os farrapos da nossa bandeira, esgotadas as esperanças dos dominadores dos palácios, eles tramam agora fazer uma máscara para, ainda uma vez, enganar o povo.

(Palmas).

Nasceu o PDT, o nosso partido, e ainda que a alegria seja loquaz, não é aqui o lugar, nem esta é a hora de proclamarmos a excelência do seu ideário, reconhecido e respeitado até pelos mais ferozes adversários. Veio a vitória no Rio de Janeiro, a vitória é a epopéia da vitória no Rio de Janeiro, veio o desafio contra a filigranas e as magias dos mapas da informática veio, depois, a alegria geral, o sambódromo, templo da cultura nacional, dos lugares da Nação o mais bonito ao povo oferecido, o espaço para a educação, debaixo das arquibancadas e para afirmação da nossa alma, também negra, (palmas) não só no carnaval, mas sempre! O espaço cultural da Cidade aberta, da Cidade que tem como símbolo o Cristo de braços abertos, dominando os morros, onde os negros descem, onde os negros vivem. Da cidade onde tentaste, por uma política cultural esclarecida, mandar de uma vez por todas, com sua "peruquinha" e o seu suor, de volta para Portugal, o fantasma de Dona Carlota Joaquina e Dom João VI, nós sabemos! E veio o moderno calvário do Brasil, de todos nesta Assembleia conhecido, no entanto, há que proclamá-lo, porque disse o poeta: "também se avança pelo lamento". São as praças iluminadas de amarelo, é a traição subsequente ao uso obstinado do advérbio "já".

Foi quando te conheci Doutel.

São as eleições diretas que ainda não temos; há que conquistá-las! (Palmas). Nós as merecemos. É a novela eletrônica, é o funeral prolongado ao infinito, até a eleição de prefeito, um ano depois de um homem patriota, a quem se aplica a sentença dada a Macbeth, no final da tragédia". Nada em sua vida foi tão grande como a sua morte. É a coragem dos líderes, do líder a quem os inimigos acusam de populista. Eu fui ler em uma crestomatia da língua portuguesa o que quer dizer caudilho. Caudilho é o condutor de povos mas na origem da palavra, significa capitel. O capitel que ensina as colunas. Ora, no edifício da modernidade do Brasil, nós bem que aceitamos como capitel, Brizola brasileiro.

(Palmas).

E é também, a tua coragem de líder, de um dia depois do eufórico lançamento do Plano Cruzado, dizer à Nação das amarguras, da incompetência, da desesperança, do desespero, e do descrédito que se abateu, inclusive sobre a classe política, de todos conhecidos, 6 dias depois da eleição de 1986.

(Palmas).

E há que lembrar alguns números, porque talvez palavras não bastem. Não só de palavras se constrói tua autoridade, nem o teu discurso, há os números que falam mais alto. O maior arrocho salarial de toda a

história da República. Doze meses e vergonhosos 338% de inflação. O preço dos alimentos muito mais alto do que a inflação do ano. O sal subiu 540%, o óleo de soja 518% e o açúcar 425%. Talvez porque a vida do povo se tenha tornado salgada; talvez porque falte doçura no prato do povo com as suas esperanças.

Os donos do poder não se cansam de reeditar sucessivos casuísmos, seja para tirá-lo da televisão, na campanha de 1986, seja para impedir-te o exercício do generoso papel, que cabe a todos os que somos políticos, que é o papel de consciência da Nação, de dizer que o Governo de gabinete não nos serve nem aqui, nem nesta hora, nos serve, isto sim, modernizar as instituições e avançar, mas porque nós sabemos que quanto mais escura é a noite, mais próximo está o amanhecer. Porque nós cremos na majestade do povo, cuja dedicação, deu-te, Brizola, a estatura e a força das atuais pesquisas de opinião, cujos números confirmamos hoje e se nós calássemos falaríamos as pedras, no calçadão da Rua XV, quando, em curto passeio, vimos o povo te saudar. Nós sabemos, porque não é letra morta, a história do pergaminho que hoje te entregamos. Nós te pedimos, Brizola, fala-nos do amanhã, dá-nos na sequência o teu projeto de Brasil, tais coisas sabemos, sobretudo os Deputados que somos do teu Partido nesta Casa. Os Deputados Antônio Belinati, Valderi Mendes Vilela, Algaci Túlio e os outros que ainda não do nosso Partido, são sempre por mim, permanentemente convidados. Tais coisas fazemos e tais coisas proclamamos porque não te excluimos, num tempo de corações aprisionados por maus governantes, na desesperança da grave responsabilidade para com a engenharia do futuro.

Brizola, brasileiro, Brizola, paranaense, nós não te excluimos, nem da história, porque seria impossível, nem do momento, porque seria anti-democrático, pequeno e injusto, sobretudo, nós não te excluimos das nossas esperanças. Como democrata fica e fala-nos do futuro, mostra que aquele que volta, nunca se foi.

Era isso.

(Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Antônio Annibelli) - É com muita honra que concedo a palavra a Sua Excelência o Senhor Leonel de Moura Brizola, novo Cidadão Honorário do Estado do Paraná. (Palmas...).

O SR. LEONEL DE MOURA BRIZOLA - Senhor Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, Deputado Antônio Annibelli; Senhor Dr. Fonseca, representante do Senhor Governador do Estado; Senhor re-

presentante do Tribunal de Justiça; Senhor representante do Senhor Prefeito; Senhor representante do Presidente da Câmara de Vereadores; demais Deputados presentes; dirigentes do nosso Partido; minhas Senhoras e meus Senhores.

É natural que eu me sinta emocionado com este ato.

Nesta minha caminhada por sendas ásperas, realmente eu não estou acostumado a solenidades como esta; acolhedoras, generosas, aonde o nosso espírito se sensibiliza e onde as nossas defesas até se amainam, tal o ambiente de fraternidade, de estima, que nos une num encontro como este que estamos realizando agora.

Recordo-me quando este título me foi concedido e também quero explicar porque eu não vim recebê-lo imediatamente. Não surgiram pelo País muitas decisões como esta. Foi um momento de grande comoção. Quis o destino que eu desempenhasse um papel ali no centro dos acontecimentos, que o povo brasileiro, através dos seus representantes nas Assembleias Legislativas, nas Câmaras de Vereadores quis manifestar o seu aplauso, o seu apoio, a sua solidariedade àquelas atitudes que tomamos de início no Rio Grande do Sul e depois, ombro a ombro por todo o Brasil, como foi o que se verificou aqui no Paraná, muito especialmente em Curitiba, sob a liderança do Prefeito de então, General Iberê de Matos.

Recordo que tive receio de receber alguns títulos, mas eram muitos, e tem relação ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná especialmente, Estados que se irmanam por muitos valores, suas tradições e a sua História, no seu passado, nos seus costumes, a ponto de nos convencer que somos uma comunidade, que somos irmãos mais próximos. E foi exatamente isso que me fez deixar de receber o Título na época. Eu sou de casa, vamos deixar correr o tempo e, numa época oportuna, virei para viver essa honra de receber o título de Cidadão do Paraná. Certo que era uma formalidade, como é hoje. Nós estamos vivendo aqui, solenemente, uma formalidade, procurando formalizar, melhor dito, aquilo que já se constitui num valor existente nos nossos corações e nas consciências. E eu para dizer bem a verdade - desculpe -, mas eu sempre me considerei cidadão do Paraná. Eu sou muito reconhecido aos Deputados paranaenses da época e agora aos seus representantes de hoje, por formalizarem aquilo que para mim se constitui numa convicção muito profunda. Hoje ainda dizia que o Paraná está em nossas mentes, dos meus irmãos, dos meus primos desde criança. E aqui, lado a lado, convoco os "Brizolas" a ajudarem a escrever essa epopéia que é o Estado do Paraná, vindos do Sul e vindos

do Norte. Os "Brizolas" partiram de Sorocaba, não sei quando chegaram. Mas ali se formou o primeiro núcleo que se estendeu por muitos municípios de São Paulo e também para o Sul. Eram tropeiros e iam comprar grandes tropas de mulas no Rio Grande do Sul, no Uruguai, na Argentina e traziam esses animais de trabalho para os cafezais e para as minas de ouro. A fama desse comércio era em Sorocaba.

Então, tudo isso está na História, está nas raízes de tudo o que vemos e possuímos ou assistimos em nossos dias.

Através desses campos, das picadas, atravessando florestas fechadas, aqueles pioneiros dos nossos antecedentes e antecedentes de todos nós, estavam aí, construindo com o seu suor, com o seu sacrifício, com a sua vida o que é hoje o Estado do Paraná, o que é hoje o Sul do Brasil e o que é hoje, em grande parte, o nosso País como um todo. Porque aquela mesma gente brava, pioneira, vanguarda de um povo que se plasmava naqueles tempos, está hoje lá na Selva Amazônica, lá mesmo em Roraima, mantendo viva aquela frente de progresso e desenvolvimento dos tempos anteriores.

Então os "Brizolas" estão aí, integrando essa página de bronze que é essa época em que se penetrou e se lançou as primeiras sementes do desenvolvimento destas Regiões.

O apeço e o amor que tenho por estas Regiões do nosso País, a admiração que tenho, não vem de hoje. Estes últimos tempos de nossa vida apenas contribuíram para dar mais harmonia àquilo que se criou com a formação da minha própria consciência de brasileiro.

Então nós, a rigor, já éramos irmãos.

A rigor já éramos a mesma gente - irmãos - e estávamos irmanados, unidos sob muitos aspectos.

E é por esta razão que eu me sinto muito feliz como ser humano, como cidadão, de ver formalizada uma decisão, através de uma Lei, daquilo que foi para mim sempre um valor, e que se desenvolveu em mim naturalmente.

O fato de que tenha ocorrido tanto tempo, desde esta decisão até o dia de hoje, até este momento em que recebo este glorioso Título, é mais um dado a singularizar esta decisão que tanto me honra.

O povo paranaense com isto demonstra, que não é uma matéria leve, que o vento possa modificar os seus rumos tão facilmente.

Quando dos acontecimentos de 1964, tornou-se claro pelo sacrifício, pela injustiça que o próprio regime impôs ao Deputado Nassar, autor deste projeto que me concedia o título. É uma circunstância que comprova que deveria, esta solenidade que



estamos realizando hoje, ser transferida para um momento, para uma época oportuna.

Já os republicanos deixaram uma lição preciosa num dos seus mais importantes manifestos, de que o sacrifício inútil não deve ocorrer.

Tudo isto trabalhou e fez com que este assunto se incorporasse ao que nós, gaúchos, na nossa linguagem, devíamos dizer "aos guardados" do povo paranaense. Este Título ficou entre "os guardados" do povo paranaense. E nestas horas difíceis, complexas, de incertezas que não terminam... horas...dias...meses...que não passam nunca...o ser humano, quando harmônico, sólido, procede assim, trata de defender os seus valores. E reflui, como se entrasse, como fazem as ostras que se fecham para defender os seus valores, até que passe a tempestade.

Foi exatamente isto que aconteceu com o povo paranaense. Guardou este Título para que pudesse entregá-lo, hoje, integralmente, intacto.

E vejam como o destino é caprichoso. A História é mais ainda. Se eu tivesse recebido este Título naquela época, garanto, tenho a certeza de que não teria de nenhuma forma a significação e a dimensão que tem hoje. Primeiro, porque este Título revela, ele é em si um ato político, por conseguinte, tem seus efeitos e a sua repercussão. E, portanto, também para ser coerente, tem que ser em benefício do povo brasileiro. Nenhuma Lei, nenhum ato, nenhuma decisão desta ou de qualquer Assembleia de nosso País, de qualquer nível, pode ter, ou estar consciente da intenção dos seus autores de que este ato seja negativo para o povo brasileiro. Não!

Esse é o espírito dessa decisão e vejam que nenhum momento como este que nós estamos vivendo, este é o testemunho de quem está na vida pública há mais de 40 anos. Em nenhum momento destes decênios, este País precisou tanto dos seus filhos como neste que nós estamos vivendo.

Foi a história, foi o destino que teve tudo isto tanto que eu, ao sair deste edifício, saio daqui mais forte do que entrei, para dedicar as energias ativas que Deus ainda me permite mobilizar, saio mais forte e firme para defender o povo brasileiro.

É natural que num momento como este, o nosso pensamento faça algumas divagações e é natural também que um depoimento, ao menos como fruto das nossas experiências, fique ali também assinalando um instante tão expressivo de nossa vida.

Vejam, meus irmãos paranaenses, aquilo que há pouco afirmei sobre o quanto o nosso País, como Nação, o quanto o nosso povo precisa de nós, que por vocação nos dedicamos à vida pública, quer dizer, aos pos-

tos de direção da marcha do nosso povo em busca do seu futuro e do seu destino.

Estes postos e funções, a rigor, aí estão muito menos para servir a nós que estamos neles, do que para o desempenho de um dever em benefício do conjunto do nosso povo. Nunca este povo necessitou tanto daqueles que estão na vida pública como agora.

A nossa trajetória não tem sido das melhores, comparada com outros povos. A estrutura da vida brasileira, sempre foi como uma condenação para nós. Primeiro, eram os funcionários portugueses aqui, militares e civis a administrar essa Colônia, da qual eles extraíam tudo. Quando nós fizemos a independência, com aquela negociação, aqui ficou todo o entulho colonial. Não houve uma guerra como nos Estados Unidos, em que nós expulsamos os colonizadores, nem mesmo um processo como ocorreu com muitas colônias inglesas modernamente, em que os ingleses de lá se retiraram.

Continuamos aqui com as mesmas práticas com os mesmos vícios. Aqui desenvolvemos uma sub-nobreza que se filiou, como é natural, às cortes européias; uma elite que antes era nomeada pelos portugueses, e depois, com relativa autonomia, mas filiada culturalmente, politicamente, no fundo, à situação anterior e às Cortes européias. Depois veio a República, que foi um grande passo, mas à custa de muitos sacrifícios em relação ao futuro desta Nação, já um processo mais radical, tanto que extinguiu-se a nobreza formalmente. Mas ela ficou aqui, com os mesmos privilégios econômicos. Houve uma espécie de alargamento daquele círculo superior, e o País caiu num período em que, as classes dirigentes pouco mudaram, a rigor, frente à situação do nosso povo.

Essa nossa trajetória permitiu manter a escravidão escandalosamente e numa nação do nível do Brasil, fomos os últimos a fazer a emancipação.

Pois bem, isso foi caracterizando, consolidando na vida brasileira um quadro que pode realmente e tem confundido através do tempo a muitos analistas.

Eu acho que se agora nesses tempos ainda, viesse, baixasse aqui o velho Marx, com aquela enorme cabeça, ele ia coçar as suas barbas aqui no Brasil. "Como é que é isso aqui, eu não previ isto? Eu vejo que aqui além de classes, tem castas. Aqui há algo além da luta de classes. Há um fundo cultural de formação desse povo, que eu não me apercebi, que podia existir quando eu fiz as minhas teorias".

E é bem assim! Nós somos uma Nação que ainda não deu certo, um País que ainda não deu certo! Nós, com essas imensas rique-

zas, continuamos ainda submetidos demasiadamente a uma elite, a uma pequena camada dirigente, que vem se mostrando incapaz de abrir as perspectivas que o povo brasileiro indispensavelmente necessita para não submergir com o correr do tempo. Eu há poucos dias, li na revista uma dessas revistas, uma reportagem que me causou uma grande impressão. Quando o Sr. Jânio Quadros foi eleito em 1960, eu era Governador, quer dizer, estava ali, foi ontem. Quantos que estão aqui participaram daqueles momentos apoiando um ou outro candidato? Pois, naquela época, o Brasil tinha 14 milhões de eleitores e 70 milhões de habitantes. Hoje, o Brasil tem 70 milhões de eleitores. Vejam passou de 14, ontem, para 70, e a população passou de 70 para 140 milhões. Quer dizer que, daqui a uns dias, a maioria de vocês todos vão assistir, daqui uns dias o País vai ter 140 milhões de eleitores e 280 milhões de habitantes. Quer dizer, onde vamos parar, se na base em que o Brasil vem vindo a pobreza tem aumentando, têm caído o padrão de vida, o povo brasileiro tem se tornado mais fraco, tem degenerado.

Eu vi um filme esses dias, da Central do Brasil de 30 anos atrás. É impressionante ver o operariado saindo da Central do Brasil. Todo mundo de chapéu, picareta, muitos de gravata, gordos. É um outro povo, é outra gente, se compararmos com o que se vê agora. Sai um povo ligeirinho, mal vestido, magrinho, inteiramente diferente em relação ao que era.

Mas se examinar os números, nós estamos aqui dentro, não estamos com a cabeça ocupada com isso procurando estudar a situação. Estamos sentindo os problemas, mas estamos acostumados, nossos olhos já se acostumaram com a nossa miséria e a nossa pobreza e os nossos problemas.

A maioria não viaja e os que viajam vão lá ligeirinho fazer um negócio, vão dar um passeio rápido vendo coisas boas e já voltam.

Mas, gente honesta e consciente que estuda essa situação está ficando perplexa com o que está ocorrendo conosco. O nosso país está se destruindo. A destruição que se faz em massa neste país é algo que vai se tornar desesperador para nós.

Eu tenho sob meus olhos o que se queima de matéria de natureza neste país, o que se destrói com fogo, que os nossos netos, nossos bisnetos vão precisar. E assim por diante.

É o caminho da degenerescência do nosso povo. Culturalmente nós decaímos. Vejam como mudou a situação. A monarquia caiu porque era um regime autoritário, antidemocrático e era baseado no modelo econômico que se fundava na exploração humana da escravatura. Hoje, neste país é mais bara-

to uma pessoa pagar um empregado e dar o salário mínimo, nem conhecendo sua família, nem sabendo de onde ele vem, não interessa, lhe dá o salário mínimo e pronto; é mais barato do que manter o escravo.

Façam a conta, porque o escravo era um animal de trabalho. Ele era considerado um animal de trabalho. No final, já achavam que tinha alma, mas antes, achavam que não tinha alma nenhuma, que não era gente, que não era ser humano, que não tinha alma. Depois descobriram que tinha alma e estabeleceram, até através da igreja, que escravizá-lo era um grande benefício para ele, porque estavam salvando a sua alma.

Pois bem, era considerado um animal de trabalho, como alguém que tem um carro e tem um cavalo para puxar aquele carro. Tem que manter aquele cavalo forte; tem que comer uma certa base mínima para se sustentar forte. Como aquele escravo tinha que comer uma certa quantidade de proteínas, uma certa quantidade de calorias para poder trabalhar, calculem quanto isso custa, quanto custa um cavalo e um carro, comendo milho, o pasto, alfafa, para ver se não custa muito mais do que um salário mínimo. Duas, três vezes mais do que um salário mínimo.

Ponham ainda ao lado dos escravos a segurança porque senão eles fugiam. Os cuidados médicos, porque quando ficava doente tinha que ser tratado para poder trabalhar e ainda os cuidados com as suas famílias, mulheres e filhos, porque tinham que criar os escravinhos fortes. Cuidar das mães e dos filhos.

E a que situação o País chegou? Como é que se pode entender que o nosso País, em 1941 criou o salário mínimo com US\$ 84 dólares, dólares de hoje, vamos falar em dólares de hoje, levando em conta a inflação americana. Quando foi criado, instituído o salário mínimo foi fixado em US\$ 84 dólares. Como é que hoje o salário mínimo é de US\$ 32, é 30 dólares. Tem este piso salarial um pouquinho maior de US\$ 38, 40, e o grave é que mais de 70% da força de trabalho, da população economicamente ativa do nosso País, ganha até 3 salários mínimos! Quer dizer, não chega a 100 dólares por mês.

Quer dizer que, como aí estão as famílias numerosas, 90% do povo brasileiro tem uma renda que anda por aí, não ultrapassa US\$ 100 dólares por mês. Isso não existe em Nação alguma que se preza!

Não vamos nos comparar com a Europa, não vamos nos comparar com o Japão, estes povos têm muita História, nem com os Estados Unidos e com o Canadá que estão lá, vamos dizer no filé mignon do desenvolvimento, estão pertinho, lá no hemisfério Norte. Eu invoco o exemplo da Austrália! Eu quero que estes economistas, que toda



esta gente que dirige a economia brasileira, me expliquem, aquilo que nós sabemos, mas que expliquem, diante deste quadro que nós apresentamos, da Austrália. Um País que está lá nos confins do Oceano Pacífico, que tem apenas 200 anos de idade, de História. Foi fundado como foi criado o Brasil, também com condenados. Os primeiros que chegaram na Austrália foram 700 condenados, presos, e lá foram largados, depois trouxeram as famílias deles. E, lá começou a Austrália!

Um País que tem uma economia parecida com a nossa!

O que é que produz a Austrália? Agricultura: especialmente trigo, milho, soja, madeira, carne, produtos láteos, lã. Tem uma indústria para si. Eu nunca encontrei no mundo - e tenho andado pelo mundo, eu nunca encontrei algo de que se dissesse: "Olha, isso aqui é da indústria australiana". Nunca vi! Têm indústria para eles. Exportam minério de ferro, carvão, tem uns outros produtos, essencialmente isso. Têm uma exportação igual à nossa em volume. Têm 15 milhões de habitantes.

Então, esses dias eu vi, até um deboche da Revista Veja, dizendo: "Ah, o Brizola quer cortar os "capitas". quando eu falo em "per capita". Um deboche ridículo! Claro que eu estou sabendo que tem 15 milhões de habitantes, mas nós já tivemos 15 milhões de habitantes, e não éramos assim como eles! Quantos países têm 15 milhões de habitantes? Como a Venezuela, o Peru, a Colômbia, está aí a Argentina, querem Nação mais linda e admirável que a Argentina? Está ali. Vejam a situação da Argentina!

E, sabe o que ocorre na Austrália? Veja uma mocinha que trabalha numa loja, balconista, ganha quase US\$ 800 dólares por mês, entre US\$ 800 e 1000 dólares, porque lá tem salário mínimo, tem salário médio. Um trabalhador, sem nenhuma qualificação, da construção civil, um peão rural, recebe entre US\$ 800 dólares também.

Um grupo de empresários do Rio Grande do Sul e produtores agropecuários, estiveram na Austrália e lá viram que um peão rural ganha 160 dólares, por semana, além de umas bonificações, que lhe dá cerca de US\$ 800 por mês.

O padrão de vida, a renda "per capita" das pessoas anda próxima da americana. Lá não tem inflação. Não porque deram algum choque, ou porque baixaram algum Plano Cruzado lá. Não. Não tem inflação há 10, há 20, há 30 anos. Lá a moeda é estável. Lá não falta casa para ninguém. Tudo que é rua tem pavimentação. Lá não há esses loteamentos loucos como isto que se vê aqui no Brasil, esse baixo nível de empreendimentos. Não falta água, não falta esgoto, não falta trabalho para ninguém, ao ponto

de que a Austrália, importa mão de obra.

Centenas, talvez milhares de uruguaios e argentinos, pequena classe média de profissionais conseguem encontrar-se na Austrália, e lá vão fazer o seu pé de meia. Claro, vão lá ganhar, 1.200, 1.500 dólares por mês; não gastam, fazem o seu pé de meia, ficam 1 ano, 2, 3, 4, 5 juntam um dinheiro e voltam para comprar um bar, uma padaria, comprar um negócio no interior. Voltam. Vão lá fazer o seu pé de meia, como os portugueses, aos milhares, fazem o seu pé de meia nos Estados Unidos, no Canadá, na Venezuela, na Europa e até no Japão e voltam.

Quer dizer, eu quero que me expliquem isso. Mas, e o custo de vida? Como são os preços? Esta certo, são duas vezes, três vezes, assim como nos Estados Unidos os preços são. Mas nunca são 15, 20 vezes diferentes como são os salários.

Então eu pergunto: Que milagre é este? É um país misterioso? Tem algum regime sofisticado? Quem sabe é um país que fez uma revolução socialista?

Não é nada disto. É um País capitalista como o nosso. Como é que é isto aí?

O único que há lá e que nós indicamos logo de diferente, é que o partido que governa a Austrália, com pequenas interrupções, praticamente nesses 30 anos, chama-se Partido Trabalhista Australiano.

(Palmas).

Comparando essas duas situações, nós só podemos chegar a conclusão que aqui o que há é uma grande cumplicidade. Não me venham com ideologia, como está fazendo a UDR; não venham com essas campanhas contra o estatismo; privatização, privatização, ora é comunismo, dali um pouco a defesa da propriedade, UDR, todos esses quadros aí. Uma entidade que está surgindo aí, chamada UEB, União dos Empresários Brasileiros, que vai mobilizar US\$ 250 milhões de dólares!

Para quê? Para comprar os candidatos? Para comprar a Constituinte? Para financiar, para corromper? Metem ideologia em tudo isso, quando o que há na verdade neste País, é uma grande cumplicidade.

O povo brasileiro, ao contrário do que ocorreu até agora, a partir daqui vai questionar esta classe dirigente. Quer separar desta classe dirigente e joio do trigo, o que ela tem de bom e o que ela tem de corrompida, independentemente de ideologia.

(Palmas).

Não é uma questão essencialmente ideológica. Há até em tudo isto muito mais uma questão de direitos humanos do nosso povo.

Como é que estas elites que controlaram o Brasil, até hoje, vão passando isso

de pai para filho? Só incorporam o político que se entrega a esta complicidade deles, e ao contrário, sempre estão hostilizando os políticos independentes.

(Palmas).

E eu quero dizer a vocês, meus irmãos paranaense, eu me honro de ser considerado uma espécie de "pato feio" da política brasileira. Eu tenho todos os defeitos. Me chamam de anti-democrático, mas eu nunca ocupei um posto na vida pública deste País sem que fosse eleito pelo nosso povo.

Palmas.

Eles de chamam de "caudilho", mas eu nunca, jamais pisoteei o direito de quem quer que seja. Jamais permiti nos Governos que exerci, a invasão do domicílio de qualquer família de qualquer cidadão, fosse ele rico, fosse ele pobre!

(Aplausos).

É assim, vêm?

Tudo o que eu faço tem defeitos mas, não questionam, não conseguem demonstrar que aquilo está errado!

Depois, com o passar do tempo, reconhecem uma coisa, ou outra, finalmente. Mas, é uma resistência às transformações, às inovações.

Vejam, por exemplo, esta verdade:

Como é que essas classes, que essas elites brasileiras podiam permitir que o nosso povo acabasse nessa situação em que está? Porque o nosso povo não tem culpa nenhuma, embora muitas vezes os ideólogos dessas elites não tenham o escrúpulo às vezes até de atribuir culpas ao nosso povo pela situação de crise e de atraso do nosso País!

Aplausos.

Que culpa tem o nosso povo? Se ele tem sido a parte passiva? Quem tem decidido por ele tem sido, sempre, essas classes dirigentes tradicionais, as oligarquias e as elites brasileiras. O nosso povo tem se submetido às decisões deles, ao longo da História.

Eu não deixo de reconhecer que tomaram muitas decisões acertadas, corretas, como foi por exemplo, a de lutarem todo o tempo para manterem a unidade territorial do País, a unidade do idioma. Sim, isto é verdade, mas, eu também proclamo que até hoje eu não encontrei uma realização das elites e oligarquias brasileiras, uma das realizações positivas, que não coincidissem com os próprios interesses dessas elites e categorias dominantes!

Aplausos.

Estavam certas, mas coincidiam com os seus interesses, tinham que ter a manutenção do seu poder e do seu controle sobre o País.

Mas como podiam permitir que o povo chegasse à situação em que está?

Aí é que há um conteúdo de desumanida-

de, aí é que há um conteúdo cruel, ao ponto de esta Nação apresentar-se, lá fora, como uma Nação de brancos, quando aqui existe um povo que em praticamente 70% dos seus habitantes tem nas suas veias, correndo, o sangue negro, o sangue africano, puro, ou misturado.

Aplausos.

Nós temos que ter a coragem de assumir essa condição de povo miscigenado, de povo moreno, pois este conceito está na raiz da construção da Democracia, neste País.

Então, vejam meus irmãos paranaenses, a grande preocupação das classes dirigentes é o progresso, é o desenvolvimento, é industrializar-se, é modernizar-se, é o que dizem, todos os dias.

Perfeito! Isto é respeitável.

Mas ocorre que estão tomando, adotando métodos que, francamente, onde vamos chegar, com eles? Não vamos alcançar nunca o progresso dos outros! Nós só seremos uma Nação desenvolvida, moderna, se o nosso povo elevar-se, porque isto, o desenvolvimento, a modernização, tem que ser feito pelas mãos e pelas mentes do nosso povo, e por ninguém mais!

Aplausos.

Parte-se da concepção nesses últimos tempos, nesses últimos decênios, que nós temos que atrair capital estrangeiro, atrair, que aí está o progresso. Se nós tivéssemos fazendo aquilo que nos competia, estou de acordo que só poderia ser um bem, atrair mais capital estrangeiro, mas acontece que nós não estamos fazendo nada, o nosso povo está submergindo no atraso e na decadência biológica, e eles estão se baseando essencialmente para fazer o desenvolvimento, na presença das multinacionais, do Capital estrangeiro.

Palmas.

Estas indústrias vêm para cá com fábricas modernas, nos dão essa ilusão, de termos carros modernos aqui, mas elas desindustrializam o Brasil em 24 horas, se não convierem a elas os seus negócios aqui. Aí está esse episódio, agora, da chamada Auto-Latina, que é a Ford e a Volkswagen consorciadas, enfrentando o Governo Brasileiro. Ela está testando o seu poder, como quem diz: "Está bem, não dão esses preços, então, até logo, transforma tudo isso em "chatarra". Elas industrializam e desindustrializam, como aconteceu com a Argentina. Agora, quando um povo desenvolve, ele próprio, a sua indústria, a sua produção agrícola, moderniza a sua economia com o seu próprio povo, não há nada, não há interesse de quem quer que seja que faça isso dar para trás, como acontece com outras Nações.

Palmas.

Então é primário, é uma lição primária

da história humana, que nós temos que atribuir uma prioridade especial à salvação do nosso povo, às tarefas de colocar o nosso povo noutros níveis, porque com esse panorama humano em que está se transformando o Brasil, nós iremos caminhar para um impasse. Nas linhas de observação desses anos todos, em que vi pelo mundo, não teríamos condições de levantar o nosso povo em conjunto. Nós adultos, já somos árvore tortas.

Por mais que se trabalhe de escova de aço, por mais que se pode, por mais que se renove, nós já somos portadores de vícios, de defeitos de formação. Somos portadores de tais problemas que nós não teremos mais condições de nos elevar como precisávamos, ao nível em que necessitávamos estar nesse momento. Tudo que se puder fazer pelos adultos, devemos fazer, mas a salvação do nosso povo, o salto qualitativo em matéria de qualidade humana do nosso povo, está nas crianças. Não só na questão humana, na questão humana e ética, porque as crianças são vítimas inocentes, não pediram para nascer, são frutos da nossa vontade. Nós temos um dever ético com elas além do dever ético, nós temos um dever cívico com esta Nação, salvando-a de mais atraso, de mais degenerescência, porque nós quando nascemos, nascemos com um computador aqui dentro. Deus coloca aqui um computador que vai começar a trabalhar nos primeiros anos de vida, e se faltar a esse computador uma alimentação correta de energia, de temperatura, aqueles elementos essenciais a um computador comum, ele queima, como queima um computador comum. E como nós não podemos abrir a cabeça para trocar ali o conjunto de peças, todo um "kit" como fazemos com o computador, aquela faixa fica queimada, e nós não sabemos ainda qual a tendência do ser humano à medida que vão queimando partes do cérebro, da sua mente, por falta de nutrição. A desnutrição nos primeiros anos de vida é fatal para o ser humano. Então, está claro como dois e dois são quatro, quanto ao que fazer. Um programa de salvação das nossas crianças, dos adolescentes e até mesmo dos jovens, é uma questão de salvação nacional, é algo de mais urgente, de mais prioritário neste País. Eu quero dizer a vocês: previnam-se, meus queridos irmãos do Paraná, vocês que são todos da classe média, previnam-se contra uma inércia perigosíssima em que nós costumamos viver. Como nós comemos, como nós não temos problema de que de manhã, ao meio dia e à noite, nós temos alimentação farta e sadia, como nossos filhos comem, os nossos netos comem, têm bastante leite, têm vitaminas, têm manteiga. Para nós isso é um dia a dia, é uma rotina, pode para alguns ficar um pouco mais caro, mas esta base está sempre com solução, e

como isso não se passa conosco, nós deixamos de nos preocupar permanentemente com o que passa com nosso povo. É muito grave a situação do nosso povo. Quando um povo inteiro praticamente tem uma renda nesses níveis, que atinge no máximo US\$ 100 dólares por mês, que seja 150, que seja 200, não está em condições de alimentar seus filhos como deve.

Antigamente, existiam outras tradições, era diferente, não estava tão poluída e não era tão complexa, e não era tão difícil. Eu recordo, quando era criança, de uma família de camponeses. Meu velho morreu. Lá ficou minha velha cuidando dos filhos, morando lá, era a espécie de uma posse, trabalhando para comer. Comíamos fartamente, a começar pela tradição daquela mulher de uma linha portuguesa, alimentava os filhos três anos no seio materno e só tinha outro depois de três anos. Isso é uma tradição muito antiga dos portugueses, não existe mais. Hoje tudo isso se modificou, tudo isso é muito grave. Nós estamos convencidos de que 75% das famílias neste País, mesmo aquelas de descendência direta de imigrações mais recentes, calculamos que anda aí em torno de 70%, 75% o número das famílias brasileiras que não alimentam corretamente seus filhos nessa fase delicada. Isto em termos de generalidade porque não têm e não se sabe quantos, muitas vezes irresponsavelmente, preferem tomar uma cerveja a comprar um litro de leite para levar para casa. Quantos gastam mais em coca-cola do que em leite para seus filhos. Não têm e não sabem, e uma parte que tem por não saber vem nutrindo insuficientemente seus filhos, e isso é fatal. E a pobreza generalizada, então, com este sistema escolar que tem o nosso País, é um desastre, isso não existe num País que se preza, isto que tem no Brasil, uma escola pública como a nossa. Eu não sei aqui no Paraná, que tem um panorama razoável, mas lá no Rio de Janeiro, como no Rio Grande do Sul, mais de 50% das crianças não passam para o segundo ano, ficam na escola ali patinando um ano, dois anos, três anos, como um peso morto, e o governo gastando com a escola pública dessa forma, e sabendo que mais de 50% não passa para o segundo ano. Por que não passa? Porque são crianças com problemas de infecção, problemas de parasitas, crianças desnutridas, são crianças que estão com fome; por conseguinte, não têm a menor condição de assimilar o que os professores têm a ministrar.

A educação no Brasil exige antecedentes; não é apenas uma escola e um professor, ou uma professora como eu fiz no Rio Grande do Sul, quando fui Governador lá, com aquela obsessão por escolas, por outras razões, que um dia, ainda vou expli-

car.

Lá chegamos a fazer 6.300 escolas, pequeninhas, ou melhor, pequenininhas, e muitos dos que estão aqui se lembram e até estudaram nelas.

Naquele tempo o problema era mais simples. Era a escola e a professora, e pronto. Hoje não. Complicou-se muito a vida brasileira. Com aquele quadro de que eu falei, a eleição do Jânio Quadros, complicou-se muito. Nós somos 140 milhões distribuídos irracionalmente pelo território nacional. Aonde vamos parar com esse crescimento, com essa urbanização desordenada, e com o País se desenvolvendo de uma forma completamente irregular, pelo interior?

Tudo isto é muito grave. Esses dias eu estive lá na Baixada Fluminense, e como éramos uma comitiva, tinha bandeiras, tinha foguetes, tinha um carro de som e era de tardezinha, e o carro do som dizia: "O Brizola está aqui". Não sei o que é que tem, e eu ... Era uma hora em que as crianças estavam soltas; e os pais chegando do trabalho, as mães também, foram milhares e milhares de crianças, que se jogavam, assim, sobre nós, e ali vinham para nos ver, gritando os pobrezinhos. E eu tenho aqui, sob a minha retina, guardados os olhos daquelas crianças.

Um panorama humano aterrador. Crianças de 10, 11 anos, milhares, aos milhares, aos milhares se via com os dentes podres, com os olhos no fundo. Aquilo é fome!

Sabem que eu me deparava a ver aquilo tudo e a pensar o seguinte: claro que aquelas crianças estão dentro do inevitável. Aos 13, 14 anos estão entrando na vida sexual.

Muitas daquelas meninas vão ficar grávidas aos 14 e 15 anos. É o inevitável, não há quem, consiga entender isto, este fluxo da natureza querendo salvar a espécie da hecatombe. Então, o que acontece: como serão os filhos destas crianças? Você já imaginou o nível racional, o nível biológico destas crianças que vão vir ali? Isto é o que me preocupava. E já estão vindo, a partir daquele dia em que eu estive lá. E assim por diante.

Então, como é que este País não toma juízo? Eu, vocês, sabem, não sou um cientista não sou um teórico, eu sou um empírico. Fiz meu curso universitário, leio o que posso, mas, como a minha trajetória sempre foi muito complicada, eu vou assimilando as minhas experiências. E o meu depoimento é este: este País precisa tomar juízo: o mais grave, o mais urgente que nós temos que fazer, querem saber, é salvar nossas crianças. Parem um pouco com estas discussões que estão aí, olhem para o lado, olhem para trás; essa imprensa que está aí, imensa, por que não questiona isto tudo?

É o mais urgente. Eu estou dizendo aquilo que os outros povos já fizeram. Não pensem que os alemães são como são, por milagre. Entrem numa escola, o dia que puderem, lá na Alemanha, para ver. Eu andei por esses mundos, para poder fazer estas observações. Vocês sabem que no Japão não tem escola particular? E por que? Porque a escola particular é proibida? Não, é livre a escola particular. Quem quiser escola particular pode fazer quantas quiserem, é livre, tanto que os estrangeiros fazem escolas para os seus filhos. Há escola de americanos, há escola dos árabes, dos alemães, de ingleses. E por que o Japão que é rico como são essa gente, estas famílias que têm o nome destes produtos que nós conhecemos aqui, porque não há escolas como as escolas particulares aqui no Brasil? Sabem por que? Porque as escolas públicas são em nível tão alto para todos, que por mais ricos que fossem os pais daquelas crianças não conseguiriam pôr em funcionamento uma escola daquele nível. Por isso não interessa.

Palmas.

Não há escola particular, por isso que a escola pública tem um tal nível. Quando eu fui visitar a cantina de um grupo onde eu estava, de uma determinada escola primária de periferia, eles me puseram umas botas brancas, todos de uniformes branco. Bom, isto para entrar na cozinha e olhar aquela gente na cantina. Aí então eu pensei, este povo cuida das suas crianças; prepara os seus jovens para o futuro, por isso tem classe dirigente competente, não é como aqui no Brasil. Temos exceções na nossa classe dirigente, mas a média não é boa (Palmas). Se fosse boa não estava na situação em que está, a média é baixa.

O brasileiro é otário! (Palmas). É um otário nos negócios internacionais, é considerado como um "burro" por toda essa gente que negocia aí fora. E eles sabem que o fraco da classe dirigente no Brasil é uns "dolarézinhos" por fora. Ele acha que porque é filhinho de papai, o avô já tinha, o pai também, ele também deve ter.

Não é o resultado de uma cobrança de impostos que faz uma potência como é o Japão. Tem as escolas. Por ali prepara-se o dirigente para o futuro, que vem competindo desde aquelas escolas primárias. Desta forma é preparado, desta forma a sua classe dirigente é altamente eficaz e competente. (Palmas).

Não é ideologia. Não tem ideologia. Eu pergunto: será que essa idéia não pode identificar a nós de partidos diferentes? De ideologias diferentes? Bom, para se não nos identificar será porque nós todos então temos abominado aquilo que nós aprendemos de nossas mães, de nossos pais, de nossa família, porque são valores comuns.

Eu acho que este País precisa de seriedade. Este País precisa de honradez! De honestidade na vida pública. Este País precisa de "vergonha".

Eu francamente, eu tenho visto o que a Constituinte tem discutido lá. Eu não vejo explicação, eu não vejo justificativa para que a nossa Constituinte tenha tido preocupações tão secundárias, quando há um problema como este, da salvação do nosso povo. Porque isso aí, não é buscar favores, nem privilégios, é o nosso dever. Os americanos são como são porque a primeira preocupação deles ao desembarcar lá, foi tratar da situação das crianças. Como é que essas crianças vão ficar aqui? Como é que vamos educá-las e assim por diante?

Eu me lembro, era criança, quando existiam lá no Rio Grande do Sul duas colônias judaicas: a de Erebangó e a de Phillipson. Foi uma iniciativa financiada internacionalmente que levou aquelas famílias para lá. Eu recordo como eram aquelas famílias pobres e até com elas tivemos muitas convivências. Até dois deles, eu pessoalmente devo uma palavra de esclarecimento que me foi essencial, depois na condução da minha vida. Pois chegaram aquelas famílias lá, flageladas. Gente que estava abandonada no mundo, sem nada. Tenho procurado levantar um pouco a história deles, para saber o que que eles fizeram. Uma coisa já descobri. A primeira coisa que fizeram foi exigir que os empreendedores daqueles projetos, enviassem com eles os professores para as crianças deles. Cuidaram da nutrição dos seus filhos, em primeiro lugar. Cuidaram da educação deles.

Jamais um deles ficou analfabeto. Foi tal a preparação que hoje eles são o que? Segunda e terceira gerações é uma camada brilhante de intelectuais, de homens de negócio, de engenheiros, de médicos do mais alto nível.

Agora, se eles tivessem abandonado os seus filhos, feito com que se rebaixassem aqueles níveis todos que eles trouxeram, eu não tenho a menor dúvida do que eles seriam hoje.

Também nos processos de colonização, todo aqueles núcleos mais ativos da colonização de origem alemã, italiana ou polonesa, que tiveram gente mais empreendedora, que cuidaram da questão da educação dos seus filhos, logo assumiram uma espécie de liderança no desenvolvimento do progresso das suas regiões.

Então aí está a chave da questão. Eu fico triste, profundamente magoado, amargurado, quando vejo o nosso País estar aí preocupado com toda lealdade, com questões secundárias, a discutir mandato de Sarney, a discutir parlamentarismo, presidencialismo. O País pára para discutir es-

sas questões todas aí e desprezando aqueles caminhos que o nosso povo está indicando, com uma simplicidade e com clareza, desde a campanha das diretas, quando se exauriu o regime. O povo brasileiro está indicando os caminhos, eleições, e vocês vejam que a classe dirigente ela vai se transformando, uma hora faz uma ditadura contra os comunistas e um pouco adiante está fazendo cafuné nos comunistas e tudo vai para cá, vai para lá. entendeu? Uma hora é eleição direta, dali um pouco não. Porque é o parlamentarismo, compreendeu, sabendo que o parlamentarismo é o fim das eleições diretas. Então o que é isto? Os problemas fundamentais do nosso povo, onde estão? Podem tentar o que quiserem, o que vão é complicar o País, vão truncar mais a situação do nosso País, dali um pouco nós estamos dentro de um quadro de desordem, porque o ser humano vai agüentar fome só até um ponto.

Eu tinha vontade que muitos políticos vivessem com o salário mínimo. Tinha vontade. (Palmas...) E que tivessem 4, 5 filhos para educar. O que eles iam fazer? O que eles iam pensar?

Então, isso é que eu acho que realmente nos inconforma. Toda essa hora de problemas aí queimando as nossas consciências e nós que nem perus. Nós estamos que nem peru. Não conseguimos sair de um círculo de giz.

Aí esta a questão essencial. Caminhos para isto são as eleições.

Se nós não conseguirmos sair, tivermos a má sorte de eleger um mau governante, nem assim estes caminhos são invalidados, porque este é o caminho certo.

Uma má experiência é como um mau presidente, que não pode condenar o presidencialismo, como um mau 1º Ministro não pode condenar o parlamentarismo.

Então, uma má solução, através do processo democrático, não é nada em definitivo, e não pode servir para condenar os caminhos democráticos.

Para um povo como o Brasil, de 140 milhões, só há um caminho democrático. Precisamos democratizar, despoluir a vida brasileira. Nós precisamos lutar contra esta poluição política que está aí, como há pouco me referi. Uma hora a culpa de tudo é o estatismo, uma hora a culpa de tudo é o deficit público, uma hora a salvação está na privatização, é isto, é aquilo, buscam, de repente, estas febres, estas ondas. Não é nada disto. Tudo isso é poluição. O que nós temos é que usar a nossa cabeça, racionalmente e buscar a linha do interesse público.

Nós não somos de nenhuma dessas religiões, nem estatização, nem privatização, como se fossem religiosidade. Não. Nós devemos saber aquilo que nós precisamos es-

tatizar para defender das multinacionais e saber aquilo que é um absurdo, é ilógico, contraria o bom senso, estar nas mãos do Estado e que deve estar nas mãos da atividade privada e assim por diante.

(Palmas...).

Reforma Agrária, meter este mundo de ideologia, quando nós precisamos é colonizar aquilo que sabemos. O Paraná está aí. É um exemplo disto e assim por diante.

Abrir oportunidades para que este país possa ter 10 ou 15 ou até 20 milhões de novas propriedades pequenas e médias para o nosso povo encontrar atividade econômica, o seu sustento, servir, desenvolver o País como tem feito outras Nações tão capitalistas como nós.

Essas inquietações é que nos vêm à mente numa hora como esta.

Eu peço desculpas a vocês por ter me estendido tanto, mas foi a atenção com que vocês me honraram e sobretudo este Título aqui que me inspirou falar tanto a vocês.

Obrigado. (Palmas...).

O SR. PRESIDENTE - Esta Presidência tem a agradecer a presença das mais altas autoridades que aqui compareceram, bem como o ex-Deputado Amadeu Gera, Presidente Regional do PDT; Vereadores da Capital, Prefeitos do interior e Vereadores do interior, bem como todos os presentes que muito trouxeram, que muito brilho trouxeram a esta solenidade, além de haverem honrado e dignificado este Poder.

Solicito à Comissão, anteriormente designada, que ao término da presente solenidade acompanhem Suas Excelências o Senhor José Antônio Fonseca e o homenageado, Leonel Brizola, ao saguão de acesso à Capela, onde os mesmos deverão receber os cumprimentos.

Convido os presentes a ouvir o Hino do Estado do Paraná a ser executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado, após o que estará encerrada a presente Sessão.

(É executado o Hino do Estado do Paraná).